

RODRIGO MOTTA

WAGNER CASTROPIL

WAGNER HILÁRIO



JORNADAS HEROICAS

***O ESPORTISMO COMO INSTRUMENTO
DE APRENDIZAGEM NA PRÁTICA***



ALTA BOOKS

EDITORA

Rio de Janeiro, 2020

SUMÁRIO

PREFÁCIO	xi
INTRODUÇÃO	1
1 O Acidente	6
2 O Sacro Ofício Marcial	20
3 Via Crucis	36
4 O diagnóstico de Castropil	42
5 A História do Mentor	48
6 De lesões e decepções se realizou um sonho	62
7 Realização de Vida	70
8 A Recuperação	78
9 Vencer é todo dia	90
10 Para ser melhor sempre	98
11 A vida é uma luta	104
PERFIS ESPORTISTAS	116
EPÍLOGO	258
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	271
AUTORES	273

0

ACIDENTE

1



A dor intensa me torceu os sentidos e irradiou do joelho até a minha visão: minha coxa estava virada para dentro. A ponta do joelho esquerdo apontava para a lateral do joelho direito, e eu não podia mudar aquela posição por meio de uma simples e automática ordem cerebral. Também não podia dormir, estava aceso, concentrado, ciente de tudo o que se passava, inclusive da dor. De verdade, não desejava mexer nada, nem dormir, só pensava em suportar, guardar energia e vencer o instante, que era só o começo de uma longa jornada.

Eu veria esse mesmo sentimento de autopreservação, concentração de energia, anos depois, nos olhos de minha mãe, dona Maria Alice. Ela, contudo, vivera situação bem mais crítica do que a minha. Passei por adversidades, mas conheço quem passou por outras bem maiores. De alguma forma, isso me faz crer que posso ir sempre além, que meu limite está sempre um pouco mais adiante.

Estava ali, estendido no tatame, guardando energias e suportando aquela dor severa, porque, de alguma maneira, eu havia falhado. Aquele castigo talvez tivesse sido duro demais, mas não nos cabe julgar os contratempos, avaliar se há ou não merecimento; cabe-nos superar, seja lá o que for.

Era 5 de outubro de 1998, uma segunda-feira. No dia 3, sábado, fizéramos uma festa de aniversário para minha esposa, Sintya. Não somos do Paraná. Eu sou paulistano. Ela, de Montes Claros, norte de Minas Gerais. Tínhamos nos casado em novembro de 1996, em Montes Claros, e nos mudamos para Curitiba em março de 1997. Estávamos há um ano e meio na capital paranaense, tempo de sobra para ela ingressar em uma universidade, para fazermos inúmeros amigos, para desfrutarmos de uma agradável vida e para nos sentirmos em casa.

Os excessos gastronômicos da festa do fim de semana me deixaram com fome de treino naquela segunda-feira de outubro. Dificilmente algo supera a minha vontade de treinar, mas, na ocasião, queimar as calorias indesejadas, ingeridas na festa, era um estímulo extra. Ao chegar ao clube, o tradicional Curitibano, encontrei “a casa” cheia. Os cascas-grossas estavam lá, em peso: Vilalba, Fioravante e cia.

Aquecemos, treinamos alguns golpes e demos início à parte que mais gosto: o randori: treino livre, no qual se deve lutar mais suave do que competitivamente, embora, na prática, não costume ser assim. Fiz o primeiro randori com Luís Henrique Vilalba, judoca gaúcho duro, competitivo, difícil de ser batido em qualquer contexto e, naturalmente, não seria diferente em um randori. Não lembro se o joguei mais do que fui jogado naquele randori. Apenas me lembro do que acontecia em outra luta, ao nosso lado.

Em um randori, vários judocas se “enfrentam” ao mesmo tempo, no mesmo tatame e, enquanto treinava com Vilalba, sensei Júlio, responsável pelo dojo do Curitibano, enfrentava um garotão faixa verde, que devia ter seus 14 anos. Contudo, ele era bem alto, mais alto do que Júlio, eu e Vilalba: tinha por volta de 1,90m. Era visivelmente forte também, devia pesar perto de 100kg.

Sensei Júlio, mesmo com toda a experiência, mesmo com toda a competência técnica, não reunia, à época, condições atléticas para enfrentá-lo em uma luta a valer: tinha por volta de 1,70m e pesava aproximadamente 150kg. Mas, ainda assim, dispunha-se a participar dos treinos, o que, a meu ver, era um ato de compromisso com os alunos.

O jovem gigante, contudo, não demonstrou a mesma consideração e, valendo-se de sua condição física privilegiada, fez questão de subjugar o sensei

inúmeras vezes, derrubando-o, menos na técnica do que na força, e mostrando ser capaz de vencer um faixa preta.

Fiquei irritado. Mal terminou o randori com Vilalba, eu convidei o garoto para outro. Movido pela raiva e pela vontade de dar uma lição ao grandão, comecei a ferir um dos princípios mais caros do judô: o da suavidade ou da flexibilidade. Não fui maleável como deve ser um galho de salgueiro e como costumam ser os bons guerreiros. Fui rijo e seco e, por isso, coloquei-me em condições de quebrar.

TRABALHO E JUDÔ

Aos 29 anos, eu vivia um ótimo momento profissional na capital paranaense. Acabara de ser promovido a gerente comercial na Nutrimental, empresa de alimentos com uma boa linha de produtos desidratados e que desenvolvia sua marca de barra de cereais. Pouco menos de uma década antes, a companhia vencera uma baita crise: até o início dos anos 1990, tinha, no governo federal, seu principal e quase exclusivo cliente, até que o governo a deixou e ela precisou, efetivamente, sair para o mercado. O desafio foi vencido e a empresa crescia.

Cheguei lá para ajudá-la a crescer ainda mais. O desafio da Nutrimental era um combustível para mim. Estava acostumado a trabalhar em multinacionais, com inúmeros profissionais com formação similar à minha, aos quais eu consultava para tomar decisões. Na Nutrimental, uma empresa nacional, em desenvolvimento, eu tinha a caneta nas mãos e não dispunha desse “colegiado” para consultar antes de assinar uma decisão. O desafio me excitava.

Com a vida profissional e familiar em ordem, senti-me forte e tranquilo para seguir, paralelamente, com a minha paixão: o judô. Foi então que busquei o Clube Curitibano, onde treinavam alguns dos melhores judocas do estado e alguns dos melhores do país, como o bicampeão mundial universitário Rogério Cherubim. Fiz uma aplicação para ser sócio-atleta. No clube, devem ter achado estranho. Afinal, quando fiz, tinha de 28 para 29 anos de idade e

não era comum alguém com essa idade buscar ser sócio-atleta de um clube como o Curitibano.

Aliás, nesse ponto, antes de seguir adiante com a narrativa e o contexto do fatídico dia, vale voltar alguns anos — antes, ainda, do meu casamento e da minha ida a Curitiba...

Para os que não se profissionalizam nem vivem do judô, como professores, há fases da vida que tornam sua prática quase impossível. No meu caso, depois que me formei e comecei a trabalhar, embora tenha ficado bem mais difícil seguir praticando o esporte, fazia questão de encontrar meios de manter-me judoca. Tive uma atenção especial a esse período, porque costumam dizer que é, ao lado da época de faculdade, o mais crítico para determinar se um judoca seguirá praticando a arte na maturidade ou não.

O fato é que, com essa preocupação, quando fui para Porto Alegre (RS), recém-formado e contratado pela P&G (Procter & Gamble), não demorei a encontrar lugar para treinar e que me desse, também, condições para competir. A academia ficava em Esteio, cidade da Grande Porto Alegre, e era formada por faixas pretas bastante competitivos. O treino era diferente do que eu me acostumara em São Paulo, com professores japoneses, que zelavam muito pela hierarquia. No Sul, fazíamos breve aquecimento — um futebol de meia — e um pouco de entrada de golpe e partíamos para o randori. Eram muitas e verdadeiras batalhas: um povo guerreiro, como o gaúcho, não seria diferente no tatame.

Competi bastante, Jogos Metropolitanos, Abertos etc., mas menos do que gostaria, em razão dos compromissos profissionais. Se os treinos eram batalhas, os campeonatos eram guerras. Venci algumas e vi, muitas vezes, pelo exemplo dos gaúchos, que, depois do esgotamento, você sempre tem um pouco mais de energia, basta querer ir mais longe e saber o momento de respirar fundo e concentrar todo o seu foco em um só propósito.

Foi um período em que aquela áurea de caserna parecia mais presente em minha vida, porque estava, muitas vezes, com os colegas. Algo similar ao que vivera na faculdade e nos círculos esportivos em São Paulo, mas, a essa altura, mais velho. Muitas vezes, após o treino, saíamos para comer e beber algo e

passávamos um tempão falando sobre lutas, sobre adversários enfrentados e sobre os nossos ídolos no esporte, grandes judocas, como sensei Ishii ou outros medalhistas olímpicos, alguns, de ouro, como Aurélio Miguel e Rogério Sampaio.

Passar por essa época de começo no mercado de trabalho sem precisar me afastar do judô foi muito importante para que, anos depois, já em Curitiba e casado, eu me visse em condições de, aos 29 anos, fazer uma aplicação para ser sócio-atleta do Curitibaano. Só não imaginava que viveria, no clube, o início de uma das experiências mais desafiadoras da minha vida.

O LANCE DE AZAR

Ao fim do primeiro randori, sensei Júlio estava visivelmente atordoado pelo castigo imposto por seu aluno faixa verde, e eu estava com raiva. Sendo bem sincero, queria dar um “esfrega” nele. Eu o chamei para o randori e, mal começamos, com mais experiência e técnica, contra sua força e envergadura, eu o dominei. Então, em desespero, ele aplicou um golpe chamado soto-makikomi: segurou minha manga esquerda, passou o braço esquerdo sobre meu ombro esquerdo, passou o quadril na frente do meu para fazer a alavanca e girou o corpo para me projetar e finalizar o golpe caindo por cima.

Mas, nesse meio tempo, uma falha de execução fez com que “o feito” dele fosse bem mais do que superar outro faixa preta naquele treino. Ao passar o quadril para aplicar o golpe, ele pisou no meu pé esquerdo e, ao girar o corpo para finalizar a ação, levou, com sua força e o peso do seu tronco, a parte de cima da minha perna, enquanto a parte de baixo estava travada pelos seus 100kg concentrados em seu pé esquerdo que estava sobre o meu. Senti o joelho esquerdo se desconstruir em uma torção lancinante.

Chamaram o médico do clube, que estava de folga. Chamaram o enfermeiro, não acharam, já tinha ido embora. Fazia uns 18°C. Enquanto o clube chamava a ambulância, senti um calor enorme e fiquei apenas de cuecas. Eu não sangrava, mas, pela posição da perna, a parte de baixo reta e a de cima virada para dentro, eu via que as pessoas viravam a cara.

Logo depois, a sensação térmica se inverteu e senti tanto frio que meus colegas de treino me cobriram de quimonos e agasalhos. O fato é que, nesse meio-tempo, passou-se uma hora e nada da ambulância. Um dos colegas de treino, então, tomou uma medida extrema: pegou uma faca e cortou o tatame, que era revestido de uma lona verde, eu me lembro. Assim, improvisou uma maca e uns quatro caras a seguraram, comigo em cima, e me levaram para um carro. Lembro que era um Gol, mas, antes de darem a partida no motor, enfim, a ambulância chegou.

Eu não precisava de diagnóstico para saber que a lesão tinha sido séria, mas, se não soubesse, descobriria pela velocidade da ambulância... Como se eu fosse um frágil objeto, o motorista do veículo me conduziu até o hospital. Sua lentidão me angustiava e não me ajudava. Pelo menos, eu não percebia dessa forma. Quão mais lento seguia a ambulância, mais eu sentia a dor.

DEPOIS DO CASAMENTO

O acidente veio em um momento de retomada. Depois do período intenso de judô em Porto Alegre, saí da P&G e retornei a São Paulo, para trabalhar no grupo italiano Ferrero. Manoel, meu chefe na P&G, assumira uma função importante no grupo Ferrero e me levava com ele. Segui treinando forte e competindo por um bom período, até que reencontrei Sintya.

Durante o tempo que passei em Porto Alegre, trabalhando pela P&G, tive a oportunidade de viajar muito, não apenas a trabalho, mas também de folga. Na ocasião, pude, pela primeira vez, ir ao Nordeste, justamente na época em que Porto Seguro estava no auge da badalação. Eu me apaixonei pela cidade, pelos ritmos, pela praia... Por isso, voltaria lá e, em um Carnaval, conheci uma linda mulher, bronzeada do sol da estação, um sorriso que irradiava vida e um balanço que a fazia mais nativa daquelas praias do que filha da montanha norte-mineira. Enfim, era o que de melhor o verão poderia me oferecer.

Não a vi muitas vezes naquele Carnaval, porém foi-me entregue, na Quarta-Feira de Cinzas, na recepção da pousada onde eu estava hospedado, um bilhete, dela, com o seu endereço em Montes Claros e telefone. Não fui ime-

diatamente ao seu encontro. Faltava-me sensibilidade para saber, de antemão, o que o destino nos reservava.

O fato é que, dois anos depois, quando já estava em São Paulo, na Ferrero, viajando tanto a trabalho quanto no período de Porto Alegre, eu tive a oportunidade de viajar para Montes Claros. Oportunidade de ouro para pegar o bilhete que havia guardado. Felizmente, ela não havia me esquecido. Agendamos e eu fui visitá-la.

Foi um reencontro sensacional: parecia que havíamos nos encontrado em Porto Seguro há uma semana. Logo, estávamos nos vendo quase todos os finais de semana. Para nos vermos, vencíamos, semanalmente, uma distância de 1,2 mil quilômetros, uma parte de avião e outra de ônibus. Considerando a volta, estamos falando de 2,4 mil quilômetros por semana. Sintya, então, propôs encurtar o caminho e passamos a nos encontrar em Belo Horizonte (MG).

Confesso que, nesta época, faltei a muitos campeonatos, chegando, até mesmo, a prejudicar a academia. O amor me cobrou um empenho que paguei com cabelos, literalmente. O estresse de ter de dar conta de inúmeros compromissos me fez perder cabelos de fato.

Sintya e eu, então, decidimos nos casar. Foi muito legal ver familiares e amigos fretarem um ônibus e encararem estradas horríveis para estar em Montes Claros para o nosso casamento. Mais uma vez, aquele espírito de camaradagem tão importante à nossa vida falou mais alto. Muitos colegas judocas encararam aquela maratona também, com o mesmo espírito de amizade que sempre tivemos nos treinos e nas intermináveis conversas sobre judô.

Depois da lua de mel, passamos a viver em São Paulo, mas por poucos meses. A proposta da Nutrimental apareceu e, logo, aprendi uma lição preciosa: quando você casa, nenhuma grande decisão é solitária. Assim, em março, Sintya e eu fomos para Curitiba, em uma decisão compartilhada.

NO HOSPITAL

No Hospital XV, fui recebido por médicos e enfermeiros de plantão que me olhavam assombrados. Era visível o estarecimento deles diante da minha lesão. Essas lembranças são claras para mim até hoje. Eu estava desperto como costume ficar quando entro no tatame para uma competição. A dor desperta nossa concentração.

Aquela multidão de médicos e enfermeiros à minha volta, prestando os primeiros socorros, não me passava segurança e ainda me dava falta de ar. Isso pareceu durar muito tempo, mas, do quase desespero, fui à esperança quando, na porta da sala, surgiu, luminoso (juro que foi assim que o vi, como se iluminasse o ambiente), um médico baixo, de bigode e olhar tranquilo, que depois descobriria ser o Dr. Sílvio Neupert Maschke. Soube, no instante, que aquele senhor me ajudaria muito.

Todos ficaram quietos quando ele chegou. Veio, olhou, pegou os exames e me disse:

— Você teve ruptura dos ligamentos cruzado anterior, posterior, colateral externo, medial, do nervo ciático...

Citou mais uns problemas que agora não me ocorrem e completou:

— Você vai ficar dois dias em repouso. Na quarta, passará por cirurgia.

No momento em que eu recebi o diagnóstico e a notícia de que ficaria internado por dois dias até ser submetido à cirurgia, Sintya chegou acompanhada de seu irmão, Wanderley, que estava passando uns dias conosco em Curitiba. Com a calma que lhe é peculiar, ela me ajudou a não perder o foco e suportar a dor.

Fui para o quarto do hospital e liguei para minha família. Minha mãe se desesperou e queria vir imediatamente para Curitiba, meu pai, Dr. Ivan Martins Motta, emendou uma bronca, como se eu ainda tivesse 8 anos de idade:

— Já está na hora de você parar com essa história de judô.

No quarto, fiquei vendo TV. Não conseguia dormir, por causa da dor. Por volta da meia-noite, pedi um cobertor. Estava com muito frio, gelado, tremia. Sintya foi conversar com o Dr. Sílvio sobre o meu frio desproporcional. Ele entrou no quarto com olhar bem mais grave que no primeiro encontro, puxou o cobertor e minha perna estava roxa e inchada.

— Houve rompimento vascular. Precisamos operar imediatamente, disse.

Perguntei se não tinham visto antes e ele explicou que os microvasos, às vezes, são capazes de manter a irrigação da perna nesse tipo de lesão por algum tempo, impedindo os médicos de diagnosticarem rapidamente a ruptura da artéria. O fato é que, no acidente, além da infundável lista de lesões, houvera um dilaceramento de 35 centímetros da artéria poplítea, a única responsável pela irrigação da perna e que passa pela parte de trás do joelho.

Tomei um Dormonid, fui anestesiado com uma raqui e me levaram para a sala de cirurgia, onde seria feita, por um cirurgião vascular, a ponte de safena para reconstituir a artéria poplítea. No entanto, a primeira raqui que tomei, por alguma razão, não cumpriu o papel desejado. Eu acordei no meio da cirurgia, senti uma dor insuportável e ergui o tronco. Então, vi meu joelho aberto, sendo operado. Berrei por causa da dor e da impressão que aquela visão me causava. Depois, Sintya e seu irmão, que estavam na sala de espera da clínica durante a cirurgia, revelariam ter escutado meu berro. O fato é que, para finalizar o procedimento, a equipe médica precisou me dar uma anestesia geral.

Embora, a princípio, a ideia fosse apenas reconstituir a artéria, Dr. Sílvio aproveitou para fazer o mesmo com o ligamento cruzado posterior. Depois de nove horas e meia, a cirurgia acabou.

O JUDÔ PARANAENSE

Com a chegada a Curitiba, retomei a dedicação ao judô, que não fora a desejada no período de namoro que precedeu meu casamento. Estar no Curitibaano me colocava de cabeça nesse universo que amo desde a infância e do qual nunca me imaginei apartado. A ideia de, um dia, não poder mais praticar nem com-

petir no judô não passava pela minha cabeça, era inadmissível, daquelas que me levavam a bater na madeira três vezes. Não queria sequer dar consciência à possibilidade.

O que me preocupava, efetivamente, àquela altura eram os meus resultados como judoca. Estava insatisfeito com meus desempenhos e treinava com a finalidade de corrigir meus erros e escrever uma respeitável história no judô paranaense. No início de 1998, estabeleci como meta ser campeão paranaense. Cismeï com a ideia e, conforme a data da competição se aproximava, a tensão aumentava.

No grande dia, durante a viagem de ônibus de Curitiba a Toledo, onde seria a disputa, não consegui pregar os olhos. Após a pesagem, a tensão estava lá em cima. Pensei que passaria após a primeira luta e a vitória que obtive sobre um faixa marrom. Mas, de forma totalmente excepcional em minha história como judoca, o sucesso na primeira luta, em vez de me acalmar, deixou-me ainda mais tenso. O peso da responsabilidade que eu mesmo, em um acordo íntimo e tácito, havia colocado sobre os meus ombros estava tirando minha concentração.

A segunda luta foi com um faixa preta de uma cidade do interior paranaense. O judoca demonstrava, no rosto altivo, calma e concentração. Era destro e não tinha a pegada muito forte. Logo no início da luta, apliquei um tai-otoshi que valeu um yuko. Na sequência, mais um tai-otoshi que, desta vez, valeu-me um koka. Fui capaz de aplicar, ainda, um ouchi-gari, somando o segundo koka.

A luta estava controlada, mas, sem razão aparente, comecei a me sentir desconfortável no tatame. O adversário cresceu e passou a dominar as ações. Se eu, em termos de pontuação, tinha a luta na minha mão, mentalmente estava em desvantagem. Só conseguia me defender ou fugir das ações ofensivas dele.

Mesmo com a vantagem no placar, incomodei-me com a situação. Faltando dois minutos para o fim da luta (eternidade no judô), fiz uma pegada firme, sobre a cabeça dele, na parte de trás da gola, com a intenção de forçá-lo para baixo, numa demonstração de força e intimidação, que, no judô, é classificada com o termo “patolar”.

Porém ele mostrou que tinha recurso e que aquele jogo de força que eu propunha era ideal para o jogo dele: aproveitando o espaço que deixei sob meu braço ao pegá-lo por cima, ele aplicou, no tempo certo, um morote-seoi-nage, golpe de mão em que o atleta se agacha, virando de costas para o oponente, usa o quadril como alavanca, coloca o oponente em suas costas e o joga à sua frente... Ippon!

A sensação de frustração durou muito mais do que a longa volta de ônibus de Toledo para Curitiba. Ela me acompanhou até a competição seguinte: o “Torneio Marrom e Preta”, disputado em Maringá, onde encontrei o judoca de olhar focado, desta vez, aparentando, para mim, mais autoconfiança do que da primeira vez. Na mesma medida em que ele me parecia mais seguro, eu me sentia mais inseguro. O fato é que eu não me via o vencendo.

A luta começou quase como a primeira: apliquei um tai-otoshi, que me valeu um yuko, e, depois, um ouchi-gari, em que pontuei um koka. Para que o fim fosse diferente, tentei aplicar um seoi-nage de joelhos, mas ele conseguiu bloquear e contragolpeou me virando de costas e aplicando uma imobilização. O juiz gritou osae-komi (imobilização) e a contagem foi aberta. Eu tinha 30 segundos para escapar e não sofrer mais uma derrota para ele.

Fiquei desesperado, confesso. Perder de novo, no mesmo contexto. Não queria ter este sentimento de impotência, de não conseguir superar, por toda a vida, um obstáculo que me barrou no passado. Com a força do desespero, consegui me virar de bruços, sair da imobilização e retornar à luta em pé. No final, venci a luta e fui vice-campeão do torneio.

Não ter sido derrotado novamente pelo mesmo adversário e nas mesmas condições, de vantagem desperdiçada, mais do que o vice-campeonato, trouxe-me uma sensação de alívio. Contudo, a noção de que estive tão perto dessa derrota quanto da vitória, traz-me, até hoje, uma incômoda sensação de

impotência, que precisa ser superada todos os dias, por meio de uma atitude que só pode vir de dentro de mim.¹

DESPERTAR

Depois da cirurgia, apareceu mais um inconveniente de uma série que parecia interminável desde o acidente no Curitiba. No dia seguinte ao procedimento, ao despertar, estava com uma enorme vontade, mas não conseguia urinar. Então, descobri, na prática e na pele, como funcionava uma sonda.

Adormeci de novo e acordei entre pacientes que pareciam ter acabado de passar por cirurgias cardíacas, alguns com angustiante dificuldade para respirar, “entubados”. Notei que se tratava de uma UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e fiquei aflito.

— Por que tô aqui? — Perguntei à enfermeira.

A resposta da moça, cujas palavras não lembro com precisão, não me trouxe a clareza tranquilizante que ansiava. Estava ali mais por precaução em razão da complexidade do procedimento e da minha situação, mas não foi bem isso o que ela me disse, e, na hora, não pude deixar de pensar no pior, até porque, um mês antes, o campeão da vela em Atlanta 96, Lars Grael, havia sofrido um acidente no mar e perdido uma das pernas.

“ NOSSA MENTE É UMA FÁBRICA DE SONHOS
E PESADELOS E NÃO PRECISAMOS
DORMIR PARA PRODUZI-LOS.”

Claro que, no meu caso, havia pouca margem para sonhos e muita para pesadelos. Assim, diante da evasiva resposta da enfermeira, associei minha

1 • Há um provérbio oriental muito disseminado que, em grande medida, sintetiza o princípio da atitude, uma competência que não se aprende em aula, não se aprende de fora para dentro, mas de dentro para fora: “Se caíres sete vezes, levanta-te oito.” Essa força, essa disposição para não se entregar à frustração, à decepção, é também o que classificamos como atitude.

situação a pesadelos reais, como o de Lars Grael, e, por um rápido instante, imaginei e me senti sem a perna esquerda. Arranquei todas as cobertas e, com muito alívio, descobri que minha realidade era menos trágica que minha imaginação fazia supor: a perna ainda estava lá. Pude, então, respirar aliviado.

Mas estar hospitalizado não nos costuma permitir muito tempo de alívio. Foram dias difíceis aqueles que somaram as duas semanas que passei internado. Nos sete primeiros dias, não consegui ir ao banheiro, só com sonda. Embora a lesão tenha sido no joelho, naquela época, a dor, das lesões e das cirurgias, era controlada com morfina, que inibe a vontade de urinar e defecar. A morfina diminui a peristalse (movimento muscular) da bexiga e do intestino. Por isso, eu tinha dificuldade de ir ao banheiro.

As duas semanas que passei hospitalizado foram, para mim, piores do que o instante da lesão em si. Como saldo e prova do que estou dizendo, ao fim do período, eu estava pesando 61kg — 12 a menos do que eu tinha depois dos excessos gastronômicos do aniversário da Sintya. A dor é um cruel inibidor de apetite e de sono, e, mesmo com a morfina e seus indesejáveis efeitos colaterais, eu senti bastante dor ao longo de todos aqueles dias.

Porém embora eu soubesse que, àquela altura, a situação colocava sob risco de amputação um membro do meu corpo e que preservá-la deveria ser a minha maior preocupação, o que eu mais temia perder, de verdade, era o judô.

Por isso, foi importante para mim, ao sair da UTI, receber a carga de afeto que eu recebi. À minha espera, na ocasião, estavam, além da Sintya, do meu irmão e da minha mãe, um dos meus senseis, Rioiti Uchida, que veio de São Paulo assim que soube do acidente. Ele ficou em Curitiba até se certificar de que eu estava melhor e havia saído da UTI. Eu o encontrei sentado, com a postura ereta, serena e concentrada. Sorriu, generoso, ao me ver, e foi embora naquele dia. Chegaram, depois, ainda, dois grandes e fiéis amigos de São Paulo: Daniel e Eduardo Quilici.

Ali, tive certeza de que não me faltariam aliados ao longo da jornada incerta que teria de trilhar dali para frente.